



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO
JACINTHO LEONOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

MÔNICA FERREIRA DOS SANTOS CARDOSO

**COMO ME PRODUZO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA MÃE SOLO**

Arraias, TO

2025

MÔNICA FERREIRA DOS SANTOS CARDOSO

**COMO ME PRODUZO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA MÃE SOLO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias para obtenção do título de bacharel/licenciado em Pedagogia

Orientadora: Prof^a Dr^a Elisabete da Silveira Ribeiro

**Arraias, TO
2025**

•

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C268c Cardoso, Mônica Ferreira dos Santos.

Como me produzo estudante de pedagogia: narrativas autobiográficas de uma mãe solo. / Mônica Ferreira dos Santos Cardoso. – Arraias, TO, 2025.

30 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientador: Elizabete da Silveira Ribeiro

1. Mãe solo. 2. Educação superior. 3. Interseccionalidade. 4. Permanência estudantil. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MÔNICA FERREIRA DOS SANTOS CARDOSO

**COMO ME PRODUZO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA MÃE SOLO**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada, em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ellisabete da Silveira Ribeiro (orientadora)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Prof^a. Lenilda Damasceno Perpetuo (avaliadora 1)
Universidade de Brasília (UNB)

Prof^a. Dr^a. Janaina Santana da Costa (avaliadora 2)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora Dr^a. Ellisabete da Silveira Ribeiro, pela paciência, dedicação e orientação valiosa durante todo o processo de pesquisa e desenvolvimento deste projeto. Suas críticas e sugestões foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos meus familiares em especial à minha mãe, Noêmia, e ao meu filho, Henrique pelo apoio incondicional, incentivo e compreensão nos momentos de desafio e dedicação exigidos por este projeto.

Aos meus amigos e colegas de curso, que estiveram ao meu lado nos momentos de desânimo e celebração, tornando essa trajetória mais leve e significativa.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta conquista. Este trabalho é o resultado de cada ensinamento, incentivo e parceria que recebi ao longo dessa jornada.

RESUMO

Este trabalho analisa os desafios enfrentados por uma mãe solo no ambiente universitário, investigando como a conciliação entre maternidade e vida acadêmica molda a trajetória pessoal e profissional. A partir de uma abordagem (auto)biográfica e revisão bibliográfica, o estudo explora as dificuldades estruturais, sociais e psicológicas que vivenciei no enfrentamento de dupla (ou tripla) jornadas no ensino superior. A pesquisa evidencia como a falta de apoio institucional, a sobrecarga de responsabilidades parentais e os estigmas sociais contribuem para processos de exclusão acadêmica, agravados por marcadores de raça e classe. Os resultados revelam estratégias de resistência cotidiana desenvolvidas por essa mãe, desde redes informais de apoio até a ressignificação de espaços universitários. A narrativa autobiográfica da autora mulher negra, mãe solo e estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins ilustra esses desafios, destacando episódios de discriminação institucional (como a exclusão de salas de aula por estar acompanhada do filho) e a precariedade de políticas de permanência estudantil. Conclui-se que urgem políticas universitárias que reconheçam a maternidade como dimensão legítima da vida acadêmica, propondo: flexibilização de horários, licenças-maternidade para discentes, formação docente para realidades interseccionais e ampliação de estruturas de acolhimento infantil. O estudo reforça que a presença de mães solo na universidade é um ato político que desestabiliza normas excludentes, reivindicando transformações estruturais para que nenhuma mulher precise escolher entre o direito à educação e o exercício da maternidade.

Palavras-chaves: Mãe solo. Educação superior. Interseccionalidade. Permanência estudantil.

ABSTRACT

This paper analyzes the challenges faced by a single mother in the university environment, investigating how the reconciliation between motherhood and academic life shapes her personal and professional trajectory. Based on an (auto)biographical approach and bibliographical review, the study explores the structural, social and psychological difficulties that I experienced when facing double (or triple) shifts in higher education. The research highlights how the lack of institutional support, the overload of parental responsibilities and social stigmas contribute to processes of academic exclusion, aggravated by markers of race and class. The results reveal strategies of daily resistance developed by this mother, from informal support networks to the redefinition of university spaces. The autobiographical narrative of the author, a black woman, single mother and Pedagogy student at the Federal University of Tocantins, illustrates these challenges, highlighting episodes of institutional discrimination (such as exclusion from classrooms for being accompanied by her son) and the precariousness of student retention policies. The conclusion is that university policies that recognize motherhood as a legitimate dimension of academic life are urgently needed, proposing: flexible working hours, maternity leave for students, teacher training for intersectional realities, and expansion of childcare facilities. The study reinforces that the presence of single mothers in universities is a political act that destabilizes exclusionary norms, demanding structural transformations so that no woman has to choose between the right to education and the exercise of motherhood.

Keywords: Single mother. Higher education. Intersectionality. Student retention.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Meu filho Henrique, sentado na escadaria da universidade	20
Figura 2. Caminho para universidade	21
Figura 3. Eu e meu filho no laboratório de informatica, unindo maternidade e trajetória acadêmica	22
Figura 4. Convivência acadêmica	25
Figura 5. Convivência acadêmica	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
COVID-19	Corona Vírus Disease 2019
EJA	Educação de Jovens e Adultos
UFT	Universidade Federal do Tocantins
WI-FI	Wireless Fidelity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERCURSO METODOLÓGICO	12
3 ENGENDRAMENTO DA PESQUISA NO DIÁLOGO COM AUTORAS	14
3.1 A mulher negra na sociedade patriarcal brasileira	14
3.2 O ponto de partida: ser mãe, ser estudante, ser resistência	19
3.3 O choque da realidade: entre o sonho e a sobrevivência	21
3.4 Política de Inclusão Materna na UFT: Uma Reflexão Crítica sobre o Projeto da Brinquedoteca	23
3.5 Impactos da Pandemia na Trajetória Acadêmica e Profissional	24
3.6 Cicatrizes e Canetas: Como a Educação Reescreveu Minha História	24
4 REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6 REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “**Como me produzo estudante de Pedagogia: narrativas autobiográficas de uma mãe solo**” enfatiza que a experiência de conciliar a graduação com a maternidade solo é uma realidade, invisibilizada, que milhares de mulheres brasileiras enfrentam diariamente. Longe de ser uma escolha individual, essa dupla jornada revela falhas estruturais: a ausência de redes de apoio, a exclusão velada nos espaços acadêmicos e a carência crônica de suporte institucional. Essas barreiras, que muitas vezes parecem intransponíveis, tornam o sonho do diploma uma estrada de pedras, especialmente quando percorrida sozinha.

Para as mulheres negras, o desafio é ainda mais complexo. O peso da interseção entre gênero, raça e classe se materializa em dificuldades ampliadas: desde a solidão em ambientes universitários que não foram pensados para acolher mães. A maternidade, experiência tradicionalmente celebrada, transforma-se em mais um obstáculo em um sistema que ignora suas necessidades específicas.

A estrutura universitária, com seus horários rígidos, atividades extracurriculares obrigatórias e a cobrança por desempenho impecável, pouco faz para adaptar-se à realidade dessas estudantes. O resultado? Muitas são empurradas para a evasão, não por falta de capacidade, mas por um sistema que prefere fechar os olhos. Enquanto seguem escrevendo suas histórias entre cadernos de anotações e agendas cheias de compromissos infantis, essas mães universitárias tecem, no silêncio de seus cansaços, uma narrativa poderosa de resistência cotidiana. Suas rotinas, marcadas por madrugadas de estudos interrompidas. Neste texto narro minha experiência encarnada de mãe solo e universitária.

O presente estudo nasce da urgência de refletir sobre a voz de quem tem histórias silenciadas como mãe solo que trava, todos os dias, uma batalha invisível nos corredores universitários. Com cadernos em uma mão e filho no colo, encontrei desafios que vão muito além das provas e trabalhos acadêmicos. A pesquisa se debruça sobre essas realidades, buscando compreender como a dupla jornada pesada para qualquer uma, mas especialmente árdua para quem a enfrenta sozinha, molda a trajetórias acadêmicas e pessoal marcadas por sacrifícios e superações. Através da própria narrativa de uma mãe, combinada com o que dizem estudos e pesquisas sobre o tema, o trabalho traça um retrato íntimo e ao mesmo tempo coletivo dessas experiências. Por trás dos dados e teorias, existem rostos, histórias e lágrimas que os números sozinhos nunca conseguirão contar. As mães precisam conter o coração apertado ao fechar a porta de casa com o filho febril nos braços de alguém mal conhecido, só para não faltar

à prova importante. São mulheres que engolem em seco ao explicar mais uma vez ao professor que precisam de extensão no prazo não por falta de compromisso, mas porque a noite foi longa acalmando pesadelos infantis.

Ao cruzar essas vozes com o que dizem os estudos acadêmicos, o trabalho revela um paradoxo doloroso: enquanto a universidade prega inclusão, muitas de suas mães estudantes se sentem como estrangeiras em um território que deveria ser também seu. A narrativa da história aqui compartilhada, é um fio que tece um retrato maior não só das barreiras, mas da resistência extraordinária de quem insiste em conquistar seu lugar acadêmico sem desistir de ser mãe.

Porque no final, essa não é uma pesquisa sobre dificuldades é um testemunho da força de uma mulher que transforma cafés em leite materno, cantos de biblioteca em cantigas de ninar, e sonhos adiados em motivação para seguir em frente.

A partir da minha vivência como mãe solo e estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias, a pesquisa nasceu do meu desejo de entender como a seguinte questão: *Como nós mães solas enfrentamos os desafios para conciliar a universidade e a maternidade em nossas vidas pessoais e acadêmicas?* Quem cuidaria dos meus filhos enquanto eu assistia às aulas? Minha investigação vai além de mapear dificuldades busca revelar nossa estratégia de resistência cotidiana, porque cada uma de nós que persiste, apesar de tudo, está desafiando um sistema que não foi pensado para nossa realidade. Os objetivos aqui são exploratórios e descritivos, mas também profundamente humanos. Não se trata apenas de mapear uma realidade pouco discutida, mas de dar nome às dores e às delícias de ser mulher, negra, mãe e estudante em um espaço em que não fui pensada. Como diz Vergara (2016), descrever é também reconhecer e é nesse reconhecimento que surgem novas perguntas, novos caminhos. Como objetivos específicos, propõem-se: I) Explorar as estratégias práticas que desenvolvemos para equilibrar demandas acadêmicas e familiares; adotadas pelas mães solo para lidar com a pressão acadêmica e familiar no ambiente universitário. II) Identificar não apenas as dificuldades práticas (como falta de creche ou horários inflexíveis), os impactos emocionais invisibilizados dessa dupla jornada, a ansiedade constante, o cansaço que virou estado permanente, a sensação crônica de não pertencer completamente a nenhum dos espaços. III) Documentar as táticas que inventamos para sobreviver desde redes de apoio espontâneas até a transformação de espaços públicos e como a universidade poderia aprender com essas soluções improvisadas para criar políticas efetivas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa adota uma abordagem (auto) biográfica, tem como o foco deste estudo é compreender o processo de formação do indivíduo dentro de um contexto social, analisando como ele se desenvolve a partir dessas experiências. Podemos afirmar que a temática da pesquisa aqui é a trajetória pessoal da pesquisadora, baseada em Delory-Momberger, 2012.

No início, pensei que este trabalho consistiria em um texto no qual eu narraria minha trajetória desde o nascimento até a situação atual. E, de fato, esse foi o ponto de partida do processo, tal como apresentei no texto “*Desafios enfrentados por mãe solo no percurso acadêmico na Universidade Federal do Tocantins, campus Arraias: Como me produzo estudante de Pedagogia*”. Na minha concepção o ato de biografar seria esse. Eu não imaginava que a pesquisa autobiográfica possui seu próprio tempo biográfico, e que este não precisa, necessariamente, seguir uma ordem cronológica, porém, segundo Delory-Moberger (2012, p. 74) “não se limita mais apenas ao ponto de vista retrospectivo da rememoração ou da reconstrução do passado, ela é também o modelo de inteligibilidade da experiência presente, assim permite dar uma forma ao futuro próximo ou longínquo”.

Essa compreensão ampliada da pesquisa (auto)biográfica me fez perceber que a escrita de si não é apenas um exercício de memória, mas um ato de significar as vivências, de dar sentido ao vivido a partir do lugar em que se está agora. Ao revisitar minha trajetória como mãe solo e estudante de Pedagogia, comprehendi que cada fragmento narrado carrega marcas que constituem quem sou, mas também sinalizam para quem estou me tornando. A pesquisa, torna-se um espaço de escuta e de experiências, permitindo compreender que a formação é um processo contínuo, construído nas relações, nas lutas e nos silêncios.

Esta pesquisa nasce de um olhar sensível sobre a trajetória de uma mulher negra, mãe solo, que atravessa os desafios e as descobertas do mundo universitário. A escolha por uma abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva (auto)biográfica, não é acidental: ela parte do desejo de compreender, em profundidade, como essas vivências se entrelaçam com processos formativos mais amplos. Afinal, como lembra Marconi e Lakatos (2003), o método é justamente o caminho que se escolhe para chegar a uma resposta e, neste caso, o caminho é também uma história de vida.

Gil (2008) reforça que o método científico não precisa ser frio ou distante para ser válido; mesmo quando se parte de experiências pessoais, é possível construir conhecimentos robustos e significativos. Aqui, a opção mais natural começa no singular nas memórias, nas

lutas e nos aprendizados dessa mulher e se abre para reflexões que podem ecoar em muitas outras realidades. Vergara (2016) lembra que a indução permite "partir do particular para o universal", e é nesse movimento que a pesquisa ganha corpo.

Esta não é uma investigação que se contenta em apenas observar: ela quer intervir, seu objetivo é claro: contribuir para uma universidade mais acolhedora, especialmente para mulheres negras e mães solo que, como a pesquisadora, precisam conciliar estudos, trabalho e cuidados familiares. Gil (2008) destaca que pesquisas assim não ficam no campo das ideias elas se comprometem com mudanças concretas.

Números e estatísticas não conseguem capturar tudo. Por isso, a opção por uma pesquisa qualitativa abre espaço para o que está nas entrelinhas: os medos, as conquistas, os silêncios e os sonhos que marcam essa jornada. Minayo (2001) lembra que a vida não cabe em planilhas; é nos significados subjetivos que muitas respostas se escondem.

Para dar vida a esta pesquisa, foram escolhidos caminhos metodológicos que dialogassem com a riqueza das experiências vividas. Afinal, estudar uma trajetória pessoal exige mais do que técnicas padronizadas exige escuta atenta, mesmo que seja de si, sensibilidade e compromisso com a própria história. Por isso, três procedimentos principais guiaram este trabalho:

A pesquisa bibliográfica: para que a voz da pesquisadora não estivesse sozinha, buscouse o diálogo com outras pensadoras que já refletiram sobre identidade, maternidade, raça e universidade. Autoras como Delory-Momberger (2012), Bell Hooks (2019) e trouxeram fundamentos teóricos que ajudaram a iluminar questões muitas vezes silenciadas. Elas mostraram que escrever sobre si não é um ato solitário, mas uma conversa com muitas outras histórias.

A pesquisa documental: Nem tudo está só na memória. Documentos institucionais como políticas de assistência estudantil, programas de apoio a mães universitárias e dados sobre evasão revelaram um cenário mais amplo: o que a universidade diz (ou não diz) sobre mulheres como a pesquisadora. Esses registros ajudaram a entender como estruturas maiores influenciam trajetórias individuais.

A pesquisa (auto)biográfica: Aqui, o coração do trabalho. Como lembra Abrahão (2011), contar a própria história é um ato que forma e transforma. Por isso, a narrativa foi construída a partir de memórias selecionadas, organizadas em três eixos que marcaram profundamente essa jornada:

- **Maternidade e formação acadêmica:** Como ser estudante e mãe em um espaço que nem sempre enxerga essas duas identidades juntas?
- **Enfrentamento das desigualdades e resistências cotidianas:** Quais barreiras aparecem no caminho, e como elas são transpostas (ou não)?
- **Construção da identidade docente em meio à luta por permanência** Como os sonhos profissionais se moldam em um contexto de desafios?

A perspectiva de retorno desta pesquisa à comunidade se dá pela socialização dos resultados junto a grupos de mães universitárias, movimentos sociais, núcleos de gênero e raça, e gestores de políticas públicas de assistência estudantil. Pretende-se apresentar os resultados em eventos acadêmicos e produzir materiais acessíveis, como vídeos e rodas de conversa, visando fomentar reflexões e ações concretas que contribuam para uma universidade mais acolhedora e inclusiva. Além disso, a pesquisa busca inspirar outras mães solo e mulheres negras a acreditarem em seus projetos de vida e resistência por meio da educação.

3 ENGENDRAMENTO DA PESQUISA NO DIÁLOGO COM AUTORAS

3.1 A mulher negra na sociedade patriarcal brasileira

Revela-se uma realidade dura, que precisa ser nomeada: além de enfrentarem a exaustão de virar noites entre leituras acadêmicas e mamadeiras, essas mães solas carregam um peso ainda mais pesado o de não serem vistas como "parte legítima" da universidade. E quando essas mães são negras, o abismo é ainda mais profundo. O racismo não aparece com cartazes, mas nos silêncios constrangedores quando tentam debater teorias feministas que nunca contemplaram mulheres como elas. Na falta de referências bibliográficas que falem sobre maternidade na periferia. Na solidão de ser a única mãe negra em muitos espaços acadêmicos. Essa exclusão não é acidental é sintoma de uma universidade que ainda reproduz lógicas excluidentes. Mas cada mãe que persiste, cada uma que se forma contra todas as probabilidades, está reescrevendo essas regras. Os dados não mostram apenas problemas: revelam resistências potentes que merecem se tornar políticas institucionais. Porque lugar de mãe especialmente mãe solo e negra é onde ela quiser estar, inclusive (e principalmente) nas salas de aula e corredores acadêmicos.

Este trabalho se justifica pela trajetória da autora e seu ingresso como mãe solo, mulher negra e seus desafios na Universidade Federal do Tocantins, que resiste e persiste na tentativa de conciliação das obrigações acadêmicas e a maternidade.

O Desde os tempos da colonização, as mulheres negras carregam um fardo pesado: foram escravizadas, violentadas e, mesmo depois da abolição, continuaram sendo jogadas à margem da sociedade. O Brasil patriarcal e racista sempre tentou calar suas vozes, mas elas nunca se curvaram.

Saffioti (2013) lembra que a abolição não significou liberdade de verdade. Sem direitos, muitas viraram "mães pretas" obrigadas a criar filhos dos outros, empregadas domésticas exploradas ou trabalhadoras invisíveis. A sociedade as oprimia duas vezes: por serem mulheres e por serem negras.

A abolição da escravatura no Brasil há que ser vista, pois, dentro do quadro histórico internacional no qual nasceu e evoluiu o escravismo moderno e, portanto, nas relações contraditórias que durante três séculos de utilização da força de trabalho escrava na economia dependente aqui estabelecida, se verificaram quer no plano externo quer no plano interno. (Saffioti, 2013, p.215)

Mas olha só a força delas! Enquanto o sistema tentava apagá-las, elas estavam nos quilombos, nas rodas de samba, nas universidades e nas ruas, lutando por justiça. Hoje, nomes como Carolina Maria de Jesus, que virou escritora catando papel; Djamila Ribeiro, desmontando o racismo com palavras fortes; e Conceição Evaristo, contando nossas dores e delícias na literatura, mostram que a mulher negra não só resiste ela brilha.

Ainda nesse sentido nota-se que durante a escravidão, as mulheres negras foram exploradas tanto no trabalho imposto quanto sexualmente, sendo vistas como mercadorias e relegadas a condições desumanas. Muitas dessas mulheres foram responsáveis por manter vivas as tradições africanas, resistindo através da cultura.

No pós-abolição, a exclusão social e a falta de políticas públicas as empurraram para empregos precarizados, como o serviço doméstico, que ainda hoje representa uma parcela significativa das ocupações femininas negras no Brasil. Observando esse cenário, a mulher negra sofreu dupla opressão: o racismo, que marginaliza e limita as oportunidades e o machismo que subjugou suas relações sociais e familiares.

Vivemos em um mundo que insiste em colocar pedras no caminho, mas as mulheres negras seguem transformando cada obstáculo em degrau. Elas são a força que movimenta mudanças, a sabedoria que guia lutas e a criatividade que renova esperanças. Não são apenas personagens da história são as autoras de uma narrativa de resistência que atravessa gerações.

Pense em Lélia Gonzalez, com seu pensamento afiado desmontando o racismo; em Sueli Carneiro, travando batalhas intelectuais e políticas; ou em Carolina Maria de Jesus, que com um caderno e uma caneta mostrou ao Brasil a realidade cruel das favelas, mas também a

dignidade de quem sobrevive a ela. Essas mulheres não são exemplos distantes são espelhos de uma força que pulsa em tantas outras hoje, nas periferias, nas universidades, nos terreiros, nos protestos.

No Brasil, ser mulher e negra é carregar um fardo pesado: o machismo que aprisiona e o racismo que humilha. Mas é também saber que essa mesma intersecção de opressões como bem explicou Kimberlé Crenshaw é o que fortalece a luta. Aqui, mulheres como Nathalia Diogenes Ferreira Lima nos lembram que a resistência negra feminina não é só sobre dor, mas sobre poder. É a capacidade de, mesmo com a voz rouca de tanto gritar, seguir cantando, criando e transformando.

Kimberlé Crenshaw, jurista e teórica do feminismo negro, cunhou o termo "interseccionalidade" para descrever como diferentes formas de discriminação se sobrepõem e criam experiências únicas de opressão. No contexto brasileiro, a mulher negra enfrenta desafios específicos que não podem ser reduzidos apenas à questão racial ou de gênero isoladamente. Elas são frequentemente marginalizadas em espaços de poder e sofrem com a precarização do trabalho, a desvalorização de sua imagem e a violência estrutural.

Por outro lado, Nathalia Diogenes Ferreira Lima aborda essa questão ao destacar como a sociedade brasileira perpetua desigualdades que afetam de maneira desproporcional as mulheres negras. A herança colonial escravocrata influenciou a construção social que coloca a mulher negra em um lugar subalternizado, seja no mercado de trabalho, onde predominam em funções precarizadas, seja no espaço doméstico, onde historicamente foram relegadas a papéis de servidão.

Além disso, a violência de gênero atinge as mulheres negras de maneira mais intensa. Dados apontam que elas são as principais vítimas de feminicídio e violência doméstica no Brasil, resultado de um sistema que as vê como corpos disponíveis e desprovidos de proteção estatal adequada. Como destaca Gonzalez, (1979)

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexism a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto ser homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. (González, 1982: 97).

O feminismo negro no Brasil floresce nas periferias, nas rodas de conversa entre vizinhas, nos projetos culturais que mantêm viva a memória ancestral. Essas mulheres reinventam a resistência: transformam dor em poesia, preconceito em motivação, exclusão em oportunidade. Suas conquistas vão desde pequenas vitórias pessoais até grandes mudanças sociais cada uma igualmente importante.

Quando valorizam seus cabelos crespos, quando insistem em ser tratadas com respeito no trabalho, quando criam negócios para sustentar suas famílias, essas mulheres do cotidiano estão escrevendo um novo capítulo da história. Como bem mostrou Crenshaw, é na compreensão das múltiplas opressões que enfrentam que encontramos caminhos para uma sociedade mais justa. E são elas, com sua sabedoria prática e resiliência, as melhores professoras nesse aprendizado.

A valorização da cultura afro-brasileira, a luta por políticas públicas inclusivas e a produção intelectual das mulheres negras são estratégias fundamentais para transformar essa realidade. Para Crenshaw (2002,) reconhecer a interseccionalidade das opressões é o primeiro passo para construir soluções eficazes e justas. A autora conceitua interseccionalidade como;

[u]ma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (2002, p. 177)

O papel da mulher negra na sociedade patriarcal brasileira é marcado por desafios, mas também por resiliência e inovação. A colaboração como ferramenta de pesquisa nos permite entender as especificidades de suas dificuldades e propor soluções que levem em consideração as complexidades de suas experiências. O trabalho de pesquisadoras como Kimberlé Crenshaw e Nathalia Diogenes Ferreira Lima é essencial para que possamos avançar na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Ainda de acordo com Crenshaw (2002, p.176:):

Nesse contexto de particularidade em relação ao caso da mulher negra, se torna emergente a construção de um feminismo que além de abarcar o combate ao machismo e patriarcado, seja um coletivo classista e de combate à discriminação racial.

Em consonância com a autora nota-se a importância do feminismo, uma vez que tal ação pode combater tanto o machismo quanto o racismo. Para tanto faz-se necessário enfatizar que Nathalia Diogenes Ferreira Lima, em sua tese Entre Silêncios, Interdições e Pessoalidades: Uma análise racial das histórias sobre aborto no sertão aborda questões relacionadas ao campo epistemológico do feminismo negro e de colonial e norteada teoricamente pela discussão racial acerca da produção de conhecimento sobre aborto.

De acordo com Lima (2020, p.16):

[a]s mulheres negras não lidam apenas com o racismo impregnando nos cabelos crespos. Antes de tudo, precisam lidar com a pobreza, com a violência, com extermínio dos seus filhos, com o trabalho mal remunerado, informal, com o desemprego. Elas ainda lidam com o acesso desigual à saúde, com a mortalidade materna, esterilização dos seus corpos e com as situações de abortamento. Parece-me que lida é um termo adequado para falarmos sobre aborto e racismo.

Nesse sentido, a interseccionalidade, conceito desenvolvido pela professora e advogada Kimberlé Crenshaw, nos ajuda a entender como essas diferentes formas de abuso afetam a vida das mulheres de maneiras únicas. Por exemplo, os direitos muitas vezes não são acessados, assim, saúde, desafios, problemas de acesso e assistência ainda são precários e sub-representados ou distorcidos na mídia. A luta por justiça reconhece as desigualdades e busca implementar políticas públicas que promovam inclusão, representatividade e justiça social.

Para Oliveira (2021, p.15):

O trabalho da mulher negra como mão-de-obra escrava faz parte do sistema econômico mundial em que a colônia estava inserida, o tráfico de escravo iniciado no século XV e encerrado no século XIX foi uma das faces do comércio ultramarino europeu, em que o objeto de venda era o próprio escravo.

Nesse sentido nota-se que as mulheres negras foram oprimidas no trabalho que lhes foi ordenado fazer e seus corpos foram identificados desde os tempos coloniais. Mesmo após a abolição da escravatura em 1888, nenhuma política de sufrágio foi implementada, deixando a comunidade negra, especialmente as mulheres, marginalizada. Muitas pessoas foram forçadas a fazer trabalhos difíceis, como empregadas domésticas. No local de trabalho, elas sofrem com baixos salários e falta de oportunidades, além de enfrentar discriminação e desigualdade de gênero .Como afirma Carneiro:

A mulher negra, no Brasil, a partir de meados da década de 80, passa a se organizar politicamente em função de sua condição específica de ser mulher negra, mediante o combate aos estereótipos que a estigmatizam: por uma real inserção social, pelo questionamento das desigualdades existentes entre brancas e não-brancas em nossa sociedade; contra a cidadania de terceira categoria a que está relegada por concentrar em si um tríplice discriminação de classe, raça e gênero (Carneiro, , 2019, p. 167).

As mulheres negras, portanto, não apenas carregam o peso da história, mas também a força de transformá-la: de Dandara a Marielle, elas tecem um legado de resistência que renasce em cada esquina, em cada voz que se levanta contra a injustiça, provando que sua luta feita de tradição, coragem e reinvenção é o alicerce mais potente para um futuro verdadeiramente livre.

3.2 O ponto de partida: ser mãe, ser estudante, ser resistência

Em 2015, aos 17 anos, descobri que estava grávida enquanto cursava o ensino médio. O impacto da notícia foi avassalador: meu mundo parecia desmoronar. Fiquei semanas sem ir à escola, atormentada por dúvidas: Como seria minha vida dali em diante? Como conciliaria os estudos com a maternidade? Como sustentaria uma criança sem trabalho? Cheguei a considerar interromper a gravidez, mas, após tentativas frustradas, aceitei minha nova realidade. Retomei o pré-natal e, com o apoio de professores que me incentivaram a persistir, voltei às aulas no 2º ano do ensino médio na Escola Joana Batista Cordeiro. Chorava frequentemente era uma mudança radical, mas eu seguia em frente.

Ao ingressar no 3º ano, já havia dado à luz e optei pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Silva Dourado. Voltei a estudar antes mesmo de completar os três meses de licença-maternidade, determinada a concluir o ensino médio e ingressar na faculdade. Pagava R\$ 150,00 valor da pensão que recebia do meu pai para minha prima cuidar do meu filho durante as aulas. A situação era angustiante: desempregada, eu dividia esse dinheiro entre os cuidados dele e despesas como leite, fraldas e remédios. O pai da criança não ajudava, e o peso da responsabilidade me levou a um quadro de depressão. Rejeitei a maternidade no início, negando até o leite materno, até buscar acompanhamento psicológico e medicamentoso. Aos poucos, entendi que meu filho era uma bênção. Quando o pai finalmente começou a contribuir com uma pensão simbólica, Henrique já tinha um ano, eu havia concluído o ensino médio e me matriculado na universidade. Mesmo assim, sua presença na vida do filho permaneceu ausente: ele nunca se interessou em criar vínculos, justificando que “não tinha tempo para cuidar de menino”.

Ingressar no ensino superior trouxe novos obstáculos. Como mãe solo, minha rotina era exaustiva: acordava cedo, levava Henrique à creche, trabalhava até as 15h, buscava-o e corria para as aulas à noite. Sem rede de apoio, levava-o comigo ele ficava quieto, desenhando ou dormindo no meu colo, sem atrapalhar as aulas. Até que um professor me expulsou da sala, alegando que crianças não eram permitidas. Humilhada, quase desisti do curso, mas a lembrança do sonho da minha mãe uma mulher que criou três filhos sozinha e ansiava vê-los formados me fortaleceu. Anos depois, já na pandemia, tentei continuar os estudos online, mas a falta de internet na zona rural me forçou a outra pausa. Mesmo assim, cada desafio reforçou minha resistência: eu não era apenas uma estudante ou uma mãe, mas alguém que insistia em transformar limitações em degraus.

Figura 1- Meu filho Henrique, sentado na escadaria da universidade



Fonte: Acervo da autora (2020).

Como afirma Bell Hooks (2017), a educação pode ser um ato de transgressão quando nos permite romper com estruturas opressoras e reinventar nossas possibilidades. A universidade tornou-se, para mim, um símbolo de luta e esperança. Ao mesmo tempo, surgiram inúmeras inseguranças: como conciliar os estudos com a maternidade? Quem cuidaria dos meus filhos enquanto eu assistia às aulas? Essas perguntas ecoavam diariamente, acompanhadas do medo de fracassar.

Segundo Ribeiro e Moraes (2021), mães solo universitárias enfrentam desafios que vão desde a sobrecarga de tarefas até a falta de compreensão institucional sobre suas realidades. A ausência de políticas públicas eficazes voltadas para essa demanda específica torna a permanência dessas mulheres na universidade uma verdadeira prova de resistência. Minha jornada começou nesse cenário de vulnerabilidade, mas também de profunda vontade de vencer.

3.3 O choque da realidade: entre o sonho e a sobrevivência

Ano de 2016/2 iniciei o curso licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Tocantins onde começou um projeto que não era só meu, mas também da minha mãe, que sempre teve o sonho de ver seus filhos formados.

Na minha jornada de estudos passei por diversos desafios. Quase desisti dos estudos, pois além de ter dificuldades com trabalhos acadêmicos, tive um professor que não deixou eu assistir a aula com meu filho, me colocando para fora da sala, falando que era para eu sair da sala ou ele sairia. Para não prejudicar meus colegas, saí da sala e desisti da disciplina. Naquele dia minha vontade era de não voltar nunca mais na faculdade e deixar esse projeto para lá, mas superei a situação e segui, afinal aquele não era um projeto só meu, era como já disse da minha mãe também, uma mulher que não teve a oportunidade de estudar, porém sempre quis o melhor para seus filhos e sempre se esforçou muito para conseguir educar seus três filhos sozinha, buscando que alcançássemos uma boa educação.

Figura 2- Caminho para universidade



Fonte: Acervo da autora (2020)

Com a situação passada naquele dia, tive ainda mais motivos continuar o curso de Pedagogia, não desistindo da faculdade. Minha rotina sempre foi muito corrida, levantando cedo, preparando meu filho para ir à escola, de lá eu já saia direto para o serviço, trabalhava até às 15:00, passava na creche pegava o Henrique, meu filho, chegávamos em casa começava arrumar a casa. Preparava a janta e fazia algum lanche para o Henrique e já estava na hora de vir para a aula.

Como não tinha com quem deixa-lo, o levava comigo todos os dias. Ele sempre ficou quieto nas aulas, não atrapalhava os professores de darem suas aulas. Desse modo, nossa rotina foi bem corrida e cansativa, já que ele passava parte das aulas dormindo no meu colo, quando acordava comia algum lanche, que eu sempre levava e em seguida ia desenhar no meu caderno.

Todos os dias era essa mesma rotina, até o dia que esse professor começou a implicar comigo, não deixando nem eu e nem a minha outra colega assistir aula, acusando os nossos filhos de atrapalhar a aula, e que nós devíamos nos retirar da sala ou, como eu já contei, disse que ele ia sair. Vendo aquela situação, para não prejudicar nossos colegas, nós nos retiramos da sala. Eu fui embora para casa e ela continuou na universidade até na hora de ir embora, porque não morava aqui, vinha de outra cidade exclusivamente para cursar Pedagogia. Naquela época não sabia dos meus direitos como aluna e não corri atrás. Só desisti da disciplina e segui com curso.

Figura 3- Eu e meu filho no laboratório de informática, unindo maternidade e trajetória acadêmica.



Fonte: Acervo da autora (2025)

Depois daquele dia, procurei uma pessoa de confiança que pudesse cuidar do meu filho para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, tomar essa decisão de encontrar uma pessoa tomar conta do meu filho enquanto eu estudava não foi fácil, porque esse era o horário que eu conseguia estar com ele, mesmo estando na universidade, já que eu trabalhava o dia todo e ele ficava na creche.

Quando eu chegava em casa era maior correria, porque o horário passava muito rápido e eu tinha que vir para aula. O máximo que os professores esperavam para fazer a chamada era 15 minutos, a aula começava às 18:00 e o tempo era muito escasso em casa, desse modo, a hora de estarmos juntos era a hora da minha aula.

Quando eu entrei na universidade não tinha o espaço lúdico, como atualmente, que dá suporte às mães enquanto elas estudam. Nesse espaço têm monitoras que cuidam dos filhos das estudantes, trabalhando com atividades jogos e brincadeiras. Então a única solução que encontrei naquela época era levá-lo comigo, porém foi quando encontrei desafios que quase me fizeram desistir do curso. Como destaca Davis (2016), o trabalho do cuidado, tradicionalmente atribuído às mulheres sobretudo às mulheres negras, é frequentemente invisibilizado ou naturalizado pelas instituições sociais, o que dificulta o reconhecimento das demandas específicas dessas mulheres.

Mesmo diante de tudo isso, o sonho de me formar não desapareceu. Ele era alimentado diariamente pelo desejo de oferecer um futuro digno aos meus filhos. Ainda que a universidade não tivesse todos os mecanismos de apoio necessários, resistir naquele espaço se tornou meu objetivo.

3.4 Política de Inclusão Materna na UFT: Uma Reflexão Crítica sobre o Projeto da Brinquedoteca

Quando se fala de Política de inclusão materna na Universidade Federal do Tocantins (UFT), pensando nisso criou-se a brinquedoteca, um local pensado para receber os filhos de nos alunos, especialmente as mães que estão cursando o ensino superior. A merece aplausos, pois em tese assegura que as alunas com crianças pequenas consigam dar continuidade aos seus estudos, sabendo que seus filhos estão em um lugar seguro, educativo e cheio de carinho.

Apesar das melhores intenções, a situação real revela problemas bem maiores do que se imagina. Uma dificuldade enorme é que não existem vagas para todo mundo. Como muita gente quer usar, mas o espaço é pequeno, muitas mães não conseguem ajuda quando mais precisam,

por exemplo, durante estágios, provas importantes ou na hora de fazer o TCC. Isso atrapalha demais essas mulheres a continuarem estudando e a tirarem boas notas.

Outro ponto é que só aceitam crianças de certas idades na brinquedoteca. Eles não pensam que cada família é diferente. Algumas mães têm filhos mais grandinhos que também precisam de alguém para cuidar enquanto elas estão na faculdade. Por causa disso, muitas alunas têm que faltar às aulas ou até levar os filhos para a sala, o que atrapalha todo mundo e ainda faz com que essas mulheres se sintam mal.

Digo isso por experiência própria. Teve vezes que eu precisei muito da brinquedoteca, mas não consegui uma vaga. Em outras, meu filho não tinha a idade certa, mesmo precisando muito de um lugar seguro. Essa falta de cuidado, mesmo que pareça pequena, mostra que o projeto, mesmo sendo legal, ainda não ajuda de verdade as mães que estudam na UFT.

Por isso, é muito importante que a universidade pense melhor e aumente as ajudas para as mães que são estudantes. Não basta ter um lugar físico; é preciso que esse lugar consiga atender todas as mães com respeito e sem deixar ninguém de fora. Uma ajuda que funciona de verdade não pode escolher quem vai ajudar; tem que ser completa e justa para todas.

3.5 Impactos da Pandemia na Trajetória Acadêmica e Profissional

Durante a pandemia de Covid-19, precisei me mudar para fazenda onde não havia acesso à internet. Como as aulas da faculdade migraram para o formato remoto com encontros pelo Google Meet e atividades no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), a impossibilidade de me conectar tornou inviável a continuidade dos estudos. A distância da cidade também impedia deslocamentos para acessar redes wi-fi, e, sem alternativas, acabei desistindo do curso, sem sequer realizar o trancamento formal.

Permaneci na fazenda por um ano e três meses. Nesse período, consegui um emprego em uma escola local, onde adquiri experiência profissional relevante. No entanto, quando as instituições de ensino retomaram o sistema presencial, priorizei minha formação acadêmica: solicitei a exoneração do cargo para voltar a dedicar-me integralmente aos estudos.

3.6 Cicatrizes e Canetas: Como a Educação Reescreveu Minha História

Persistir, para mim, foi uma escolha diária. Mesmo nos dias mais difíceis, em que tudo parecia desabar, segui em frente. A universidade não foi apenas um local de formação

profissional, mas um espaço de reconstrução pessoal. Lá, descobri a potência que existe em mim como mulher negra, mãe e estudante. A cada semestre vencido, sentia que estava rompendo com a lógica que empurra mulheres como eu para a marginalidade.

A educação me permitiu ressignificar minha trajetória. Como diz Davis, Angela. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.” Em sua declaração durante conferência na Universidade Federal da Bahia, Salvador, em julho de 2017. Minha presença na universidade representa mais do que uma conquista individual, é também uma vitória coletiva, que dá visibilidade a outras mães solo negras que compartilham histórias semelhantes. Cada obstáculo superado torna-se inspiração para outras mulheres que sonham com um futuro diferente.

Figura 4- Convivência acadêmica



Fonte: Acervo da autora (2019)

Figura 5- Convivência acadêmica



Fonte: Acervo da autora (2018)

Aprendi que resistir é, também, construir novos caminhos. Hoje, comprehendo que minha luta não é apenas por um diploma, mas por reconhecimento, dignidade e justiça. A universidade precisa ampliar seus olhares e políticas para acolher mães estudantes, promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva. Afinal, como diz Freire (1979, p. 84), “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Finalizo este capítulo com o coração cheio de cicatrizes, mas também de orgulho. Cada etapa superada foi marcada por dor, amor e esperança. Continuo estudando por mim, pelo meu filho e por todas as mulheres que, como eu, lutam diariamente para existir com dignidade. Ser mãe solo negra universitária é ser resistência viva, é afirmar que, apesar de tudo, o nosso lugar é onde quisermos estar.

4 REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA

Minha trajetória enquanto estudante revela uma realidade cheia de obstáculos, marcada pela maternidade solo durante a vida universitária. Em meu relato, fica claro como a falta de apoio emocional e financeiro pesou sobre meus ombros, mostrando que, sem uma rede de apoio, a jornada de conciliar estudos e criação do meu filho se torna ainda mais dura. Davis (2016)

lembra que mulheres negras, especialmente mães solas, carregam um fardo histórico imposto por um sistema patriarcal e racista, o que só aumenta as desigualdades no acesso e permanência no ensino superior.

Entre aulas, trabalhos e cuidados com o meu filho, mal conseguia participar de atividades extras, como iniciação científica ou eventos acadêmicos. O tempo para leituras e pesquisas mais aprofundadas era escasso, o que mostra o quanto as universidades precisam urgentemente de políticas que acolham mães solo.

Em meio a tudo isso, havia ainda um sentimento constante de culpa: a sensação de que, não importava o quanto eu fazia, sempre faltava algo seja em casa, seja nos estudos. Essa angústia revela como a sociedade cobra perfeição de nós mulheres em todos os papéis que assumem, como se fosse natural lidar com tanta pressão sozinha. Hooks (2017) explica que o patriarcado ensina as mulheres a se culparem por não darem conta de tudo, quando, na verdade, é o sistema que falha em oferecer condições justas.

Mas, apesar de todas as barreiras, segui firme. Para mim, a educação virou mais do que um diploma: tornou-se um caminho de transformação, tanto para minha vida quanto para a de meu filho. Essa resistência ecoa o que Ribeiro (2019) defende para mulheres negras, estudar é um ato de rebeldia, uma forma de reescrever suas histórias em meio a uma estrutura que insiste em excluí-las.

Minha jornada também foi marcada pelo racismo e machismo dentro da universidade. Havia professores e colegas que duvidavam da minha capacidade, como se eu não merecesse estar ali. Isso mostra que, mesmo sendo um lugar que deveria promover emancipação, a universidade ainda reproduz preconceitos baseados em raça, gênero e classe. Davis (2016) alerta que as instituições de ensino não estão livres da opressão muitas vezes, elas reforçam o racismo institucional.

A falta de professoras negras e de referências bibliográficas que incluíssem mulheres só aumenta o sentimento de não pertencimento. Ribeiro (2019) chama isso de "epistemicídio": o apagamento dos saberes e histórias negras no meio acadêmico. Quando você não se vê representada, fica mais difícil acreditar que aquele espaço também é seu.

A universidade também falha em entender nossas necessidades como mãe. Há vezes em que justificativas relacionadas ao meu filho eram vistas como "desculpa", e não como uma realidade que precisava ser acolhida. Ribeiro e Moraes (2021) destacam que a ausência de políticas para mães universitárias contribui para a evasão e o sofrimento psicológico dessas estudantes.

O que manteve de pé, mesmo com todas as dificuldades, foram as redes de apoio. Amigos, colegas e algumas professoras que entendiam minha realidade ofereceram desde um ombro amigo até ajuda concreta, como cuidar da criança em momentos apertados. Essas solidariedades, mesmo informais, foram uma tábua de salvação. Hooks (2017) fala sobre como a união entre mulheres é uma poderosa forma de resistência e eu vivenciei isso na prática.

Além disso, desenvolvi minhas próprias estratégias: virei noites estudando, planejava cada tarefa com antecedência e priorizava o que era mais urgente. Essa autonomia vai ao encontro do que Freire (1996) defendia: mesmo em situações difíceis, reconhecer sua própria capacidade de agir é um passo fundamental para a liberdade.

Ao contar minha história, não falo apenas sobre mim, transformo minha experiência pessoal em um grito coletivo. Minha luta não é só minha é de tantas outras mulheres que enfrentam os mesmos desafios. E assim, minha trajetória deixa de ser apenas uma história de superação e vira um chamado para uma universidade mais inclusiva, que enxergue e valorize as diferentes realidades de quem a ocupa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar minha trajetória como mãe solo, negra e estudante de Pedagogia, percebo que esta pesquisa foi mais do que um trabalho acadêmico: foi um ato de sobrevivência narrada. Cada página escrita carrega as marcas de uma luta que não é só minha, mas de tantas mulheres que, como eu, precisam escolher diariamente entre ser "boa mãe" ou "boa aluna" em um sistema que as obriga a abdicar de uma para ser a outra.

Quando ingressei na UFT, eu não sabia que minha maior lição não estaria nos livros, mas no corpo-a-corpo com uma estrutura universitária que naturaliza a exclusão. Um professor que me expulsou da sala com meu filho no colo não era um caso isolado, era a expressão de uma instituição que ainda vê a maternidade como um desvio, não como parte da vida estudantil. E quando essa mãe é negra, como eu, o peso é ainda maior: somos lidas como "fora do lugar", como se fôssemos uma exceção a ser tolerada, não uma realidade a ser acolhida.

A universidade não é neutra. Ela foi pensada para um estudante que não tem filho, que não precisa conciliar emprego com aulas, que não sofre racismo nos corredores. Minha presença ali, com minhas necessidades específicas, escancara essa falha. As políticas de permanência são insuficientes. O espaço lúdico para crianças (que surgiu depois do meu ingresso) é um avanço, mas eu e as mães que estudam de dia? E as que não têm transporte para levar os filhos? Minha

experiência mostra que soluções fragmentadas não resolvem um problema estrutural. Resistir é recriar-se todos os dias. Minha formatura não será só um título, será a prova de que mulheres como eu podem romper o ciclo de exclusão que começa na falta de creche e termina na evasão silenciosa.

Se esta pesquisa tem um legado, que ela sirva para exigir que a universidade enxergue as mães, com horários flexíveis e formação docente para lidar com realidades como a minha. Que sirva para mostrar que nossa existência acadêmica e política cada vez que eu me sentava naquela sala com meu filho dormindo no colo, eu desafiava a ideia de quem "pertence" à universidade. Que inspire outras mulheres a escreverem suas histórias, porque, como aprendi com Conceição Evaristo, "escrevivencias" como esta não são só relatos: são armas. Termino com uma certeza: não fui eu que me adaptei à universidade, fui eu que, a cada dia, a forcei a se repensar. E se hoje consigo ver o fim desse percurso, é porque transformei cada "não" em combustível e cada vitória, por menor que fosse, em um passo rumo a um futuro em que nenhuma mãe precise escolher entre o sonho do diploma e o direito de cuidar dos seus filhos.

Para finalizar, afirmo, ecoando a voz de outras mães, muitas vezes silenciadas afirmo, este lugar é nosso e não abriremos mão de ocupa-lo. Assim, esta pesquisa não termina aqui, pretende abrir janelas para outras, também como uma forma de produzir ciência militante acerca do direito das mulheres.

6 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (2011). **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembraças/recordações-referências para a pedagoga em formação.** Educação, 34(2). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8708>.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **NEABI – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena da Universidade Católica de Pernambuco**, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Pôlen. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, p. 171-188, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.** Disponível em: <https://pvmulher.com.br/angela-davis-quando-a-mulher-negra-se-movimenta-toda-a-estrutura-da-sociedade-se-movimenta-com-ela/>. Acesso em: 3 maio 2025.

DELORY-MOMBERGER, Ch. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. Abrahão, M. H. M. B.; Passeggi, M. C. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, Lélia, “**A mulher negra na sociedade brasileira**”, *O lugar da mulher- Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*, Rio de Janeiro, Graal. 1982.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo Martins Fontes, 2017.

LIMA, Nathália Diógenes Ferreira. **Entre silêncios, interdições e pessoalidades: uma análise racial das histórias sobre aborto no sertão.** 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Pietra Montovani, 1996- **As múltiplas dimensões da violência patriarcal na formação econômica do Brasil:** um olhar de longa duração sobre a mulher negra (1500-2020), Campinas, SP: [s.n.], 2021.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Eliane; MORAES, Fabíola. Entre fraldas e provas: os desafios das mães solo no ensino superior. **Revista Educação e Diversidade**, v. 10, n. 2, p. 54-67, 2021.

SAFFIOTTI, Heleith Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo, Perseu Abramo, 2004.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 15^a. Ed. São Paulo: Atlas, 2016.